

# **AMOR BANDIDO: A AFETIVIDADE E O AMOR DAS COMPANHEIRAS DOS RECUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AO CONDENADO (APAC) DE SETE LAGOAS/MG**

Pâmela Fonseca Miranda\*  
Ana Cláudia da Silva Junqueira Burd\*\*

## **RESUMO**

Este estudo visa pesquisar sobre o amor bandido, buscando sentidos relativos a afetividade das companheiras dos recuperandos da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC), compreender as influências subjetivas e comportamentais que as companheiras dos recuperandos da APAC passam pelas teias afetivas e por esse amor, a partir das questões com as quais elas vivem esse sentimento diante de diversos obstáculos e dificuldades. O presente estudo busca identificar por quais motivos, mesmo diante da razão e situação de cárcere de seus parceiros, as companheiras dos recuperandos da APAC persistem com o relacionamento afetivo. Para tal foi realizado um estudo qualitativo e descritivo, no qual através de entrevistas semiestruturadas foram entrevistadas 8 mulheres companheiras dos recuperandos da APAC. Os dados foram analisados mediante Análise de Conteúdo. As mulheres entrevistadas mantêm um relacionamento com os recuperandos, têm laços e vínculos inabaláveis com os mesmos. A idade das respondentes variou entre 21 e 66 anos. Os resultados sugerem o amor, a dependência afetiva e a autoestima exacerbada como os motivos que não deixam essas mulheres desistirem de seus relacionamentos. Levantando os pontos positivos em ser um amor que tudo supera, que dá forças e cria laços, que traz um sentimento sem explicação para elas que vivem em prol do mesmo, apresentando as dificuldades de manter uma relação com um homem em situação de cárcere.

**Palavras-chave:** Amor Bandido. Teias afetivas. Amor por prisioneiros.

## **ABSTRACT**

This study aims to research about the bandit love. Searching for relative meaning for the affection of the recovering companions of the Association of Protection and Assistance to the Convicted (APAC). To understand the subjective and behavioral aspects of the influences that the companions of the APAC recoverers pass through. The affective webs and love, from the issues in which they live this feeling in face of various obstacles and difficulties. To achieve this goal, a qualitative and descriptive study was carried out, in which eight female companions of the APAC recoverers were interviewed through semi-structured interviews. Data were analyzed using Content Analysis. The interviewed women maintain a relationship with the recovering; have ties and strong links with them. The respondents' ages ranged from 21 to 66 years. The results suggest love, affective dependence, and exaggerated self-esteem as motives that do not allow them to give up their relationships. Raising the positive points of being in a relationship that surpasses everything, that gives strength and creates bonds that brings an unexplained feeling to them, who lives for them, presenting the difficulties of maintaining a relationship with a man in prison.

**Keywords:** Bandit love. Affective webs. Love for prisoners.

---

\*Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: [pamela\\_fonseca17@hotmail.com](mailto:pamela_fonseca17@hotmail.com).

\*\*Psicóloga, Bacharel em Direito, professora especialista da FCV-Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: [anacjunqueira@yahoo.com.br](mailto:anacjunqueira@yahoo.com.br).

## 1 INTRODUÇÃO

Com base nas representações sociais, tradicionais, a forte ligação existente entre as mesmas, e as práticas sociais, entende-se muitas vezes, que, mesmo considerando a evolução da sociedade e das formas de pensar, existe uma grande necessidade do elucidamento com relação ao papel da mulher em relações afetivas. Quando se fala em afeto feminino, é comum pensar em situações onde a expressão manifeste condições mais amplas, como, o afeto entre mãe e filhos, ou, afeto entre homem e mulher, que pode ser definido como amor *Eros* (MOSCOVICI, 2012). Em 1960, o amor passou por momentos de grande contestação, pois ocorreram movimentos feministas propondo o deslocamento da afetividade, do sentimento para a sexualidade, e, nem mesmo assim, as exaltações desse período de grandes concepções conseguiram mudar tal pensamento. Para a mulher que tem o sonho de amar, pode-se dizer que seria como se a mulher amasse o amor, cultivando a fidelidade como uma tradição do passional feminino, que transpassa a renúncia de si (LIPOVETSKY, 2000).

A presente pesquisa tem como tema “O Amor Bandido: o relacionamento afetivo a partir da perspectiva das companheiras dos recuperandos da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) de Sete Lagoas/ MG”. Surge, portanto, um questionamento: “Por quais motivos, mesmo diante da razão e situação de cárcere de seus parceiros, as companheiras dos recuperandos da APAC persistem com o relacionamento afetivo? ”. Diversos autores revelam que essas companheiras não são levadas somente pela atração, elas obedecem a impulsos incontroláveis, acreditando na mudança e salvação de seus parceiros, sendo seduzidas pela astúcia que estes homens têm. Nessa relação, a sedução recebe um lugar significativo. Considerando tais pontuações, para responder à questão norteadora apresentada, foram formulados dois pressupostos. O primeiro considera o amor verdadeiro como o principal motivo que mantém e dá forças para o relacionamento diante dos obstáculos que surgem. O segundo pressuposto propõe que possa existir medo ou uma supervalorização de si diante do seu parceiro por parte das companheiras.

A metodologia empregada envolveu uma revisão bibliográfica, selecionando-se artigos e dissertações sobre a temática desse trabalho, para ampliar a compreensão sobre o tema proposto. Na tentativa de encontrar esclarecimentos sobre a afetividade e o amor das companheiras dos recuperandos da APAC, buscou-se auxílio na leitura dos autores contemporâneos e a realização de entrevistas semiestruturadas, empregando oito perguntas abertas, com oito mulheres, companheiras dos recuperandos, em Sete Lagoas/MG, que

vivenciam essa realidade. Os resultados foram analisados com base na abordagem qualitativa e tratados através da análise de conteúdo (BARDIN, 1997).

O presente trabalho justifica-se diante da necessidade de compreender as influências subjetivas e comportamentais que as companheiras dos recuperandos da APAC passam em suas teias afetivas, a importância desses sentimentos para os recuperandos a partir da percepção de suas companheiras que sustentam esse amor, seguindo por dois vieses. O primeiro, o do amor verdadeiro, que através desse sentimento, as mulheres constroem vínculos, famílias e laços indestrutíveis com seus parceiros, como também em nome dessa teia afetiva tudo suportam e superam, buscando forças no amor e em seus companheiros a fim de crescerem e realizarem seus sonhos juntos. O segundo viés considerado é a autoestima exacerbada, dando ênfase na sua pessoa e importância para o parceiro.

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar as teias afetivas que influenciam as companheiras dos recuperandos da APAC de Sete Lagoas/MG. Os objetivos específicos são: identificar o que leva as companheiras dos recuperandos da APAC de Sete Lagoas/MG a não desistirem de seus parceiros enquanto estão na prisão; descrever os diversos comportamentos do amor bandido; e, identificar a intensidade da dependência afetiva que esse amor gera.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS**

A APAC oportuniza a valorização da pessoa humana, o que reprova ambientes superlotados, os quais são propícios a violência e um cotidiano com torturas e ações precárias de higiene pessoal, refeições diárias que são degradantes, que afrontam a dignidade e acaba desestruturando os presos, que questionam sua existência e sua condição de ser no mundo (FIGUEIREDO, 2015). A metodologia adotada pela APAC atende uma demanda de tratamento da humanização dos presos, o qual seja respeitoso e permita aos mesmos a ressignificação da sua identidade com base nos aprendizados propostos pela instituição, contribuindo para o seu bem-estar com os outros e consigo mesmo, o que proporciona uma reinserção na sociedade (OTTOBONI, 2001).

Segundo a FBAC (Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados), na APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) se faz de tudo para

fortalecer o vínculo familiar mantendo os laços e a afetividade, sendo fundamental que a pena alveje apenas o recuperando condenado, de forma a evitar que a mesma extrapole a pessoa, atingindo sua família, causando angústia e sofrimento nos mesmos. Além disso, zela para manter os elos afetivos de cada recuperando com sua família.

A metodologia apaqueana atua junto ao executivo e judiciário como possibilidade do cumprimento da pena desprovida de liberdade e sustenta uma visão promissora desde a sua criação. O método tem fundamento em doze elementos que, quando viável, devem ser implantados simultaneamente, pois um é complemento do outro, o que sustenta a realidade da APAC, sendo eles: o trabalho, a participação da comunidade, a assistência à saúde, a religião, recuperando ajudando recuperando, a valorização humana, a família, a assistência jurídica, os Centros de Reintegração Social, o voluntariado, a Jornada de Libertação em Cristo e o mérito. (OTTOBONI, 2001).

O índice elevado da população carcerária no país, dificulta uma gestão adequada de recursos financeiros, humanos e materiais necessários para os presídios. Devido a essa situação, há uma ineficiência/incapacidade na execução da Lei de Execução Penal (LEP 7.210/84), que determina os direitos e deveres da população carcerária, que através de uma pesquisa de personalidade e antecedentes do encarcerado, dá ênfase à individualização da pena e à ressocialização do preso, que é adquirida diante de uma extensa assistência: saúde, educação, religião, assistência jurídica, material e social (BRASIL, 1984).

## 2.2 AMOR BANDIDO

Amor é um sentimento, um afeto que se doa para o outro e, em uma sociedade individualista onde o amor se encaixa em nossas relações interpessoais? Quem deixaria de fazer alguma coisa pelo outro? O amor não impõe condições, se doa sem esperar nada em troca, e, para as companheiras isso é significativo, pois o amor de sua vida encontra-se preso à sua espera, o que atribui um sentido de existir para as companheiras, que dá força para lutar e continuar doando esse amor (OYAKAWA, 2015). O amor é a escolha de proteger e cuidar do objeto amado (BAUMAN, 2004). No caso das companheiras que visitam seus amores em situação de cárcere, elas compartilham seus sentimentos, aquele afeto somente em momentos de visitas, assim elas buscam sonhar junto dos seus parceiros pela liberdade e uma vida melhor fora do sistema prisional (GUIMARÃES, 2012).

O amor e o homem interagem, e nessa interação o homem exerce um papel ativo provocando transformações que se adequam ao seu bem-estar criando e fortalecendo aquele vínculo já existente. Nessa conexão, o amor transforma-se bandido por um apego da mulher para com o homem criminoso, em sua busca de autossatisfação, onde seus desejos, suas expectativas e estilo de vida sejam vangloriados pelo que ele tem, pelo que ele é capaz de produzir, e pelo que isso pode dizer dele (CASOY, 2012). É um amor bandido, obcecado, que faz sofrer, um amor que faz necessário ter cuidado, que apresenta riscos, que oferece adrenalina. Um amor que faz mal, que faz bem, que é quase perturbador, ou totalmente perturbador, mas é um amor que cria laços e dá “vida” (BOURDIEU, 1995).

As mulheres, segundo Lipovetsky (2000), nasceram para amar, são gentis, românticas da forma que são por natureza, como se passava na literatura e na arte, entretanto houve mudanças, adaptações entre carreiras, rupturas daquela mulher com o lar e o casamento, que agora tem direito de escolha e liberdade sexual, mas ainda assim, esperam e confiam no amor, e algumas escolhem o amor sedutor, aquele que mexe com o interior, com o perigo, sendo um amor bandido, que atrai por fazer parte de um mundo de poder (LIPOVETSKY, 2000). O lado feminino não supervaloriza o objeto de amor como o masculino, a mulher apenas sente a necessidade de destituir o objeto sexual, uma busca de adoração do objeto, o que torna comum encontrar mulheres com paixões por marginais, bandidos, homens de pouca qualificação (FREUD, 1994).

O ser humano interage com o ambiente assim como o ambiente interage com o ser humano e, quando se trata de amor, o homem busca melhorias que o favoreçam e que o valorizem dentro da sua teia afetiva. Diante disto, nos diz Freud (1994), que as mulheres angustiadas não temem perder o homem, que é visto como um objeto, mas as mesmas temem perder o amor que sentem pelo homem. Sendo assim, o amor significa um refúgio para as mulheres que se veem a frente de um desamparo, que não garante uma sobrevivência, mas serve como antídoto de uma perda própria. Lacan (1973), diz que não se tem limites para as concessões que cada mulher faz para um homem, seja seu corpo, alma ou seus bens.

### 2.3 A EXISTÊNCIA DA DEPENDÊNCIA AFETIVA

“A dependência afetiva é qualquer padecimento ou disfunção que vem associado ou é resultante de focalizar o interesse próprio nas necessidades e condutas dos outros” (WHITFIELD, 2002). Nas relações amorosas esses vínculos são muito difíceis de serem

rompidos por parte das companheiras, pois apesar do desgaste que geram, elas e seus parceiros estão acomodados à situação, por um lado essas pessoas necessitam crescer e desvincular, mas não querem por precisar renunciar aos benefícios existentes dessa situação (SCHAEF,1993). “O dependente tende a se caracterizar por sua baixa autoestima, por suas dificuldades para satisfazer as suas próprias necessidades e pela valorização da sua própria identidade baseada na valorização externa” (SCHAEF,1993).

As mulheres dependentes de afeto, devido ao amor exacerbado, não costumam arriscar porque o risco abala. É como usufruir de uma montanha russa onde cada sentimento, mesmo aguardado, parece recente e intrigante e o dia-a-dia do casal pode trazer momentos de angústia à frente das atitudes do outro. Prender-se ao passado é viver na dependência afetiva, muitos casais se encontram numa espécie de canibalismo respondente, sendo que um consome o outro até sumirem. Sugam-se como esponjas, compreendendo-se pelos olhos da outra metade (BARCELOS, 1993), pois a dependência afetiva tem a séria possibilidade de engrandecer as virtudes e reduzir as deficiências segundo sirva, o que pode fazer o sujeito imaginar que seu parceiro não vive mais sem sua presença e caso ocorra o desprezo, o mesmo não saberá lidar com a sua própria vida e isso pode vir a ser uma crença (RISO, 2010).

Segundo o MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas), as mulheres se manifestam pelo comportamento de só imaginar o outro, no excesso de cuidado e na inevitabilidade excessiva de conceder atenção e amor ao parceiro. Isso movimentaria algumas mulheres a se tornarem viciadas no parceiro e na relação. Essas mulheres que amam muito são incapazes de uma maior intimidade com seu parceiro, pois as mesmas optam por vivenciar uma fantasia. Ilustram a possibilidade de como serão amadas e amarão algum dia, quando seus parceiros mudarem e se tornarem acessíveis a elas. Mas mantém uma intimidade apenas com a fantasia (NORWOOD, 2010).

## 2.4 PERFIS CRIMINOSOS E A DOMINAÇÃO MASCULINA

A “cultura amorosa” defende o caráter indestrutível do ideal do amor, não movido por mutações sociais revolucionárias, mas pelo feminismo e suas ramificações em todo o ambiente, de modo que desenvolve aspirações mais equilibradas que oscilantes. Sendo então uma compreensão do amor que deve desprender de cálculos, de dinheiro, para buscar ser fiel, social, matrimonial e recíproco (LIPOVESTSKY, 2000). Diante disso, Bourdieu (2002) relata que as mulheres estão cada vez mais em condições cruéis e desiguais, pois de acordo com a

sociedade machista elas têm que ser educadas para satisfazer o outro e suas necessidades afetivas, responder emocionalmente por seus filhos, maridos e os cuidados com os mesmos.

A visão do amor é considerada como um investimento no sentimento verdadeiro de amar para as mulheres, o que se torna uma busca constante pela felicidade, é uma realização íntima, que se traduz de diversas maneiras, até mesmo pela literatura (LIPOVETSKY, 2000). Um amor que fortalece, que dá vida, que constrói famílias, e depois de uma família formada o risco é maior: Como viver em paz com um pai criminoso? Como viver na mesma adrenalina que se vivia a dois? A mulher que se sujeita a isso também tem um perfil traçado, não somente o criminoso.

O homem domina, tem um poder que comporta uma simbólica dimensão, no qual é predominante a mulher na relação, sendo que esta mulher se submete a uma decisão deliberada, ou seja, tem consciência daquilo que aceita, uma consciência esclarecida, de corpos socializados (BOURDIEU, 1995). Diante disso, a divisão dos papéis sexuais na sociedade, é preenchida por um conjunto ideológico, cuja natureza se encontra nas próprias falas dos atores sociais. Essas relações de poder advêm das construções de identidades dos atores sociais, o que acarreta em uma prática de representações que forma uma relação no meio social em que estão inseridos. Construídas a partir dessas ideias, as relações perpassam por situações que a mulher se julga como parte, complemento do homem, e responsável por tudo aquilo que a rodeia, o lar, a harmonia de todos, e deve dar provas de amor frequentes e de sua fidelidade, que pode ser em gestos simples como uma boa comida, uma roupa que agrade seu parceiro, entre outras coisas (BOURDIEU, 1995).

O perfil do homem criminoso, é provavelmente aquele que não teve exemplo paternal fora ou dentro do lar, ou até mesmo esses pais podem ter abusado e molestado esse homem quando criança, seja psicológica ou fisicamente (CASOY, 2012). Do mesmo modo que os bandidos têm seu perfil específico, as suas companheiras também têm seu perfil. Essas companheiras podem ter tido passados cruéis, tristes, sofridos no sentido de terem se relacionado com alguns parceiros que possam ter abusado das mesmas, o que afeta a sua autoestima, sendo que se tornam praticamente inexistentes. Sentem-se como inferiores a todos, principalmente a aqueles que se envolvem em relacionamentos amorosos, e por isso se submetem a coisas que em muitos casos não são a favor, então se julgam como dignas daquele relacionamento e acomodam-se (PALOMBA, 2015).

Em contrapartida, Branden (2012) apresenta que a autoestima é o desenvolvimento da convicção que algumas mulheres têm que são capazes de viver e ser merecedora de toda felicidade, capazes de enfrentar tudo e todos com mais confiança, otimismo e boa vontade,

tendo então o controle da relação, que se veem como salvação dos seus parceiros no mundo do crime. Rosset (2014) afirma que autoestima é o sentimento do valor ou importância que a pessoa tem por si mesma, é a autoconsideração e autorrespeito, sendo que se compõe a partir de experiências que comprovam e provam a competência em diversos aspectos da vida, o que traz uma mulher em um relacionamento com seu parceiro encarcerado.

O homem, em diversos casos, não tem intenção de violência, mas necessita de alguém que atenda a todas suas vontades e desejos, e assim intimida a mulher com seu poder e as mantém sob seu controle. As mesmas são submissas, diante da intimidade, o homem sabe como lidar com suas companheiras e elas se sentem frágeis diante dos seus ataques (TELES; MELO, 2012). As mulheres amam demais, ficam caladas demais, sofrem demais, mas para o amor tudo é possível, e diante de todas as pesquisas realizadas, há casos em que o amor vence a violência, e as mulheres chegam ao seu objetivo inicial, de encontrar o homem bom por trás de seus crimes (GUIMARÃES, 2012). As companheiras se submetem a esse amor bandido para ter a satisfação do parceiro, e de certa forma as mesmas conseguem se sentir bem com a vida que levam, e desenvolvem um amor verdadeiro que tudo suporta, essas não estão em um meio de convívio de forma involuntária, mas sim por vontade própria (MEDEIROS, 2012). Quando o amor fala por si, ele desconstrói fantasias, e mostra seu rosto, traz sorrisos e um convite à felicidade plena (GONÇALVES, 2015).

### **3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa baseada no método indutivo, com natureza descritiva que conforme Silva e Fossá (2015), considera de forma mais adequada o propósito de estudos, que visam expor as características de determinado fato. Acarreta em interpretar e conhecer a realidade estudada, sem que ocorra a interferência do pesquisador, possibilitando novas formas de observar uma realidade já conhecida. Os objetos utilizados na pesquisa, relacionam a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa de campo, de acordo com Fonteles *et al.* (2012), origina-se da tentativa de responder aos problemas relacionados com comunidades e grupos, com o propósito de compreender os aspectos de uma determinada sociedade distinta. Para discorrer sobre a relevância do tema, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de artigos científicos e dissertações datados entre os anos 2012 e 2017, buscadas em bases de dados eletrônicas como *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e BVS-

Psicologia utilizando as palavras-chave: amor bandido; teias afetivas; amor por prisioneiros, para delimitar a procura do tema.

O público alvo desta pesquisa foi constituído pelas companheiras dos recuperandos da APAC de Sete Lagoas/MG, que participaram desta pesquisa voluntariamente, sendo de diversos níveis de escolaridade e faixas etárias. A pesquisa foi realizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que todas as participantes assinaram, confirmando sua participação na pesquisa e o sigilo da identidade das mesmas. O preceito utilizado para a distinção das convidadas foi que possuísem o perfil das mulheres da pesquisa, isto é, que fossem companheiras dos recuperandos, que vivenciassem o amor e a afetividade pelos mesmos. A revisão bibliográfica, também aplicada, viabiliza ao pesquisador ter melhor conhecimento do tema em foco, dando-lhe possibilidades para contrapor e analisar as ideias já existentes de diversos autores, adquirindo maior justificação. (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Dessa forma, os dados alcançados por meio dos métodos empregados pela presente pesquisa foram tratados com ênfase em sua interpretação e profundidade. Desse modo, foi usada a abordagem qualitativa, que abrange questões muito peculiares, preocupando-se com as ciências sociais, considerando um fato que não pode ser quantificado, lidando com o universo de aspirações, sentidos, motivos, valores e crenças os quais não podem ser sintetizados à instrumentalização de variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Os dados necessários para compor esta pesquisa foram coletados por observação e pesquisa de campo, cuja propósito é atingir informações sobre um determinado problema, o qual se busca uma resposta, de um pressuposto a ser comprovado ou sobre a descoberta de novas relações e fenômenos entre eles. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, com oito perguntas abertas, que foram precedentemente elaboradas conforme o tema abordado. Esse é o modelo de entrevista é mais usada nas pesquisas qualitativas, possibilitando ao entrevistador agir com maior maleabilidade na presidência da situação e com isso explorar de forma mais vasta uma questão. O tempo para cada entrevista foi de 30 a 45 minutos, as mesmas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra para análise. A revisão bibliográfica também utilizada atribui o caráter prévio de esclarecer ao pesquisador sobre as inferências do tema em evidência (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010).

A análise dos dados foi efetuada por meio da Análise de Conteúdo que pode ser definida por Bardin (1977), como um aglomerado de métodos de análise das informações buscando alcançar, por ferramentas sistemáticas e objetivos de relato do conteúdo das falas, parâmetros (quantitativos ou não) que possibilitam a dedução de conhecimentos

correlacionados às condições de recepção/produção (variáveis inferidas) destas mensagens. De acordo com Bardin (1977) a análise de conteúdo percorre por três etapas fundamentais, quais sejam: pré-análise, vista como uma etapa de ordenação do material, buscando tratar dos resultados da pesquisa, sendo um primeiro momento com os documentos os quais serão sujeitos à análise. A segunda etapa é a que explora o material com a intenção de averiguar todo o conteúdo, que se divide em fragmentos estabelecidos conforme o contexto e por fim, a terceira etapa é tratar os resultados, que é feita a indução, se orienta por vários núcleos de atenção (núcleos de atração da informação) e a explanação, que necessitará ir mais adiante do conteúdo manifesto dos documentos, procurando assimilar os elementos fundamentais do material coletado. Empregaram-se as decorrentes categorias por meio da análise das entrevistas: o amor como vínculo indestrutível, a dependência afetiva e a autoestima exacerbada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados alcançados com as informações adquiridas nas entrevistas semiestruturadas, serão discutidas e apresentados nesta parte do trabalho. Para manter o sigilo das companheiras nos trechos apresentados das falas serão atribuídas siglas para preservar suas identificações. Será concedido para cada entrevistada a sigla “C” e relacionado a quantidade de entrevistadas em número (1, 2, 3...) que estará apresentado durante a discussão para cada companheira e suas respectivas idades. Por meio das entrevistas a pesquisadora teve o propósito de conhecer o mundo o qual as entrevistadas vivenciavam e notar a visão delas referente ao amor e a afetividade para com os recuperandos da APAC. Optou-se por expor os resultados e a discussão dos dados de maneira associada para permitir maior percepção do raciocínio. Os resultados são expostos em três categorias que compõe os dados conforme abordado no objetivo geral e nos objetivos específicos.

##### **4.1 O AMOR COMO VÍNCULO INDESTRUTÍVEL**

Segundo Yalom (2007), o amor não é somente uma faísca entre duas pessoas, há uma distância indeterminada entre apaixonar-se e manter-se apaixonado, ou seja, quando é verdadeiro é o que sustenta e mantém duas pessoas. Mais devidamente, o amor é um jeito de ser, um “dar a”, e não um “enamorar-se”; um jeito de conviver com um todo, não um ato

restrito a uma única pessoa, sendo laços indestrutíveis que unem nosso mundo invisível ao mundo visível. Nas entrevistas, observou-se que o amor que as mulheres sentem por seus parceiros supera qualquer distância, qualquer obstáculo e as mantém firmes ao lado deles, dando força para aguentar tudo que aconteça, amor que pode ser percebido nos trechos abaixo:

“[...] o que me mantém com ele é o amor, o amor supera tudo” (C1, 27).

“[...] ele é tudo para mim, nossa, sem explicação e comparação com outros relacionamentos” (C3, 27).

“[...] Ele significa tudo para mim” (C5, 26).

“[...]O amor que sinto por ele supera distância supera tudo, sei que ele é um grande homem” (C7, 27).

É um amor que traz esperanças para manter um relacionamento após a Apac, que essas mulheres alimentam a cada visita, a cada telefonema feito com seus parceiros, de acordo com Simmel (2012), as emoções são conteúdos, isto é, podem ser observadas como matérias de associação, e assumem moldes através da colaboração e cooperação, geradas pela interação entre os indivíduos. O amor, portanto, é uma das grandes categorias que dá forma ao existente (SIMMEL, 2012). O objeto do amor não tem uma existência antes do amor, mas é visto apenas como um intermédio dele (SIMMEL, 2012). As companheiras expressam os sentimentos pelos recuperandos como se fosse um “amor maior”, porque é forte, verdadeiro, um amor que supera grades como pode observar nas falas abaixo:

“[...] ele é tudo na minha vida, primeiramente Deus, ele e meus filhos. Nem meu pai nem meus filhos eu gosto tanto como eu gosto dele, é muito forte meu sentimento” (C6, 39).

“[...] quando ele me traiu, ele mesmo que me contou, me pediu perdão, e mesmo assim o amor prevalece, mas quase que eu sinto um infarto, quase que eu morro” (C3, 27).

“[...] Ele é muito especial me faz muito bem, agradeço a Deus de ter colocado ele em minha vida novamente, agora sim sei o que é ser feliz” (C7, 27).

#### 4.2 DEPENDÊNCIA AFETIVA

O ser que ama se torna inteiramente dependente do seu objeto de amor e fica exposto ao sentimento de sofrimento quando ocorrem situações que ocasionam fim a relação, como o desprezo e a traição. Por outro lado, apesar de ser um sentimento incerto, muitos orientam a vida com o amor como eixo, sempre se dedicando na satisfação de amar e ser amado (SIMMEL, 2012). As companheiras se sentem dependentes dos seus parceiros, e por eles

estarem em situação de cárcere, as mesmas se veem presas junto deles, pois a cada coisa feita no dia delas vem eles nos pensamentos, vem a saudade dos momentos juntos e o medo de perder esses companheiros, como pode-se observar nos trechos abaixo:

“Quando ele me traiu pela primeira vez, meu filho estava com seis meses de vida e eu tive que sair de casa, eu perdi meu chão, ficamos um mês separados, mas eu voltei e perdoei” (C4, 35).

“[...] eu não desisto por nada, nem se meus filhos chegarem e falar mãe larga, eu não largo” (C6, 39).

“[...] ele é tudo, tudo, tudo, para mim ele é minha vida, eu não consigo viver sem ele. Eu como pensando nele, eu durmo pensando nele” (C3, 27).

No momento das entrevistas foi possível notar a angústia das entrevistadas em falar dos seus parceiros, em como têm medo de perdê-los, de imaginar a vida delas sem eles, e como seus parceiros são prioridades na vida delas, em fazer tudo pensando primeiramente neles, que se pudessem, mudariam tudo por eles. Relatam que o melhor dia na semana é o domingo de visita, que são as melhores horas do dia, que elas conseguem seguir a semana bem e ansiosas para a chegada de um novo dia de domingo, como observado nos trechos a seguir:

“[...] só de eu pensar nele dá vontade de chorar, o que me mantém é o amor, não tenho medo, meu único medo é de perder ele” (C3, 27).

“[...] desde quando este fato aconteceu a minha prioridade é ele, tudo que faço é pensando nele” (C5, 26).

“[...] o sonho dele é ter um filho, mas como eu sou ligada, se eu pudesse voltar no tempo eu desfazia minha ligadura por ele” (C6, 39).

“A melhor hora do meu dia é quando estou com ele nos dias de visita, é o que me dá força para passar os dias de semana sem ele, pois logo vem outro domingo para estar com ele (suspiros)” (C3, 27).

#### 4.3 A AUTOESTIMA DAS COMPANHEIRAS

Durante as entrevistas, foi possível observar a autoestima exacerbada das companheiras em relação aos seus parceiros e seus relacionamentos. As entrevistadas se veem como únicas pessoas para ajudar e estar presente na vida dos recuperandos enquanto presos, enfatizam como é importante para seus companheiros, a visita delas em todos os domingos, pois, se não fossem elas, eles estariam sozinhos, e dizem ser elas que vão tirar eles da vida do crime. Fazer algum bem por si mesmo apresenta um significado totalmente distinto de fazer algum bem por nenhuma razão (SIMMEL, 2012). Essa supervalorização se exemplifica nas falas abaixo:

“[...] não pensei nenhuma vez em desistir, eu precisava estar ao lado dele quando ele mais precisasse” (C3, 27).

“[...] , mas por ele assim, por ele não ter família direito eu fico, isso ainda me prende um pouco” (C4, 35).

“[...] ele me pediu uma chance para mim não deixar ele sozinho lá dentro” (C4, 35).

“[...] e por ele não ter outra pessoa também me prende, a família não participa, o que me pesa” (C4, 35).

Branden (2012) afirma que quando a autoestima está elevada, melhores serão os rendimentos em zelar relações saudáveis em vez de debilitadas, uma vez que o amor gera amor, a saúde gera saúde, e o entusiasmo e a comunicabilidade geram mais do que o oportunismo e o vazio. Uma supervalorização de si próprio acerca do objeto amoroso, “hiperinvestido”, declinando seja qual for espécie de subordinação ou dependência do outro (FREUD, 1994). Segundo Rezende (2012), se um indivíduo satisfaz os desejos de uma pessoa, porque assim considera verdadeiro e conveniente, isso se constitui como objetivo final e a sua realização a única motivação. As companheiras se colocam como “únicas” para fazer tudo o que os recuperandos precisam, tal fato se exemplifica nas falas a seguir:

“[...] agora eu vejo que eles estão dependendo de mim. Ela até falou comigo: “Deus foi muito bom de ter colocado você na vida dele de novo”, logo a mãe dele que nunca gostou de mim” (C2, 66).

“[...] talvez Deus tenha me posto na sua vida é por isso mesmo, para você desistir dessa vida” (C2, 66).

“[...] se você sair e arrumar uma pessoa que não seja, como diz o outro, não vou me gabar não, “do meu nível”, você vai voltar para a cadeia” (C2, 66).

“[...] preciso adquirir conhecimento para mim, pois se um dia chegarmos a terminar só levarei comigo o que é meu, mas tenho o pé no chão, pelo menos estou tentando e ajudando ele” (C8, 21).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar as teias afetivas que influenciam as companheiras dos recuperandos da APAC de Sete Lagoas/MG. Ficou implícito nos gestos, nas falas e olhares das entrevistadas que é muito difícil manter um relacionamento com os parceiros em situação de cárcere. Mas que ao buscar forças no amor para seguir com o relacionamento, elas conseguem superar tudo diante desse sentimento, e entendem que os erros foram dos parceiros e não delas, que elas então precisam estar ao lado deles, visitando todos os domingos, mantendo uma confiança e esperança para o relacionamento pós Apac.

Algumas delas se sentem angustiadas por não terem seus parceiros todos os dias presentes, para até mesmo dividirem os problemas, as coisas de casa, o que gera ansiedade. É um aspecto que pode ser compreendido pela Psicologia nas suas inúmeras abordagens, pode contribuir com esse sistema de relacionamento, ajudando as companheiras a assumir e colocar em práticas todas as possibilidades que elas têm, para que elas não se sintam culpadas pelas escolhas feitas por seus parceiros, sendo notável os inúmeros desafios enfrentados por elas.

É importante destacar que as entrevistas desenvolvidas na pesquisa de campo a fim da coleta de dados, se demarcou apenas a oito companheiras, com idade entre 21 e 66 anos devido à dificuldade de contato com esse público. Tanto em função da abordagem metodológica empregada quanto à quantidade de participantes, há limites em relação à concepção dos resultados, sendo que os mesmos não podem ser difundidos. Quanto à delimitação do referencial do amor bandido, foi preciso fazer uso de materiais com mais de 5 anos de emissão, visto que se considerou a pertinência das fontes em pauta para a estruturação argumentativa da pesquisa científica presente.

Através do andamento da presente pesquisa foi notável as implicações da mesma, diante das companheiras terem uma fragilidade e um receio muito grande em expor sobre os seus relacionamentos. É uma perscrutação que tem importância para acadêmicos com interesse no assunto da mesma forma os profissionais da psicologia. As colaborações desta pesquisa estão na extensão do conhecimento com base na visão diferenciada do amor com suas diversas ramificações, ou seja, o estudo em questão contribui para difundir o saber e a prática do amor e da afetividade.

Reconhece-se que na realidade de uma teia afetiva, um relacionamento em situação de cárcere há diversos aspectos sociais, limites, conflitos entre o querer e o desistir. Estes e outros pontos de vista não foram praticáveis na investigação, a julgar que no presente estudo foi de suma importância atender a limitação de tempo e de centro da proposta de pesquisa. Sugere-se então, que outros pesquisadores fortaleçam trabalhos que demande e retratem acima dos temas aqui sugeridos para que, conseqüentemente possam ampliar a pesquisa sobre esse assunto que ainda é tão pouco falado.

## **REFERÊNCIAS**

ARRUDA, A G; OSS, L E S; MACIEL, P X. **Os presídios no Brasil: o histórico da pena e a comparação entre o sistema carcerário tradicional e o método APAC.** ANAIS IV CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SERRA GAÚCHA. v.3,

n.3. 2015. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/1640>>. Acesso em: 22 agosto 2017.

BARCELOS, C. **Criando sua liberdade: amor sem dependência**. São Paulo: Gente, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5.ed. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977, 231 p.

BASSANI, F. (2013). **Amor bandido: Cartografia da mulher no universo prisional masculino**. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 4(2),261-280. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7225>>. Acesso em: 10 de set. 2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 25 p.

BOURDIEU, P. (2002) **A Dominação Masculina**. – 4ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDEN, N. **A psicologia do amor: o que é o amor, por que ele nasce e às vezes morre**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2012.

BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Brasília. DF: 1984.

CÂMARA, R H. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, 2013, p. 179-191. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.

CASOY, I. (2012). **Serial killer – louco ou cruel?** São Paulo, WVC, 202. Codependentes Anônimos. Disponível em: <<http://www.codabrasil.org.br>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

FBAC, **Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados**, 2013. Disponível em <<http://www.fbac.org.br/>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

FIGUEIREDO, E. **Corpos para não esquecer: testemunho e a cena da tortura**. Rev. Margem – interdisciplinar. Vol. 9, n. 13, p. 103-113, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2679>>. Acesso em: 21 de out. 2017.

FOLTRA, P. J. (2014). **A visita nas unidades prisionais e seu papel na mediação do acesso aos direitos da pessoa presa: Uma reflexão acerca das desigualdades de gênero na política penitenciária**. In Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades e Deslocamentos (pp. 1-13). Florianópolis, SC: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

FONTELLES, M J *et al.* **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa**. Revista Paraense de Medicina, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2012.

FREUD, S. **Sobre la más generalizada degradacion de la vida amorosa** (1912), Obras completas, vol. XI, Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1994.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa/** Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. **Métodos e técnicas de pesquisa social/** Antônio Carlos Gil, São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, A. (2015). **Quero um amor maior**. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/adriano-goncalves-quero-um-amor-maior.html>>. Acesso em 28 de maio de 2017.

GUIMARÃES, C F; MENEGHEL, S N; ZWETSCH, B E; SILVA, L B; GRANO, M S; SIQUEIRA, T P; OLIVEIRA, C S. **Homens apenados e mulheres presas: Estudo sobre mulheres de presos**. *Psicologia & Sociedade*; 18(3), 48-54. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3093/309326326007/>>. Acesso em: 19 de out. 2017.

LACAN, J. **Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina** (1960), Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, Jorge Zahar Ed., 1998. *Televisão* (1973).

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo, Companhia das Letras: 2000.

MADA, Mulheres que Amam Demais Anônimas. Disponível em: <<https://grupomadabrasil.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2017.

MARCONI, M A; LAKATOS, E M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, L L. **Mulheres e cárcere - Reflexões em torno das redes de proteção social**. In Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política. Recife, PE: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais. Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092004000200014&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092004000200014&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acesso em: 18 de set. 2017.

NORWOOD, R. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: Best Seller, 2010.

OTTOBONI, M. **Vamos matar o Criminoso?**. 3ª.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

OYAKAWA, E. **Paixão bandida, mulheres que amam demais**. São Paulo: 2015.

PALOMBA, G. **Paixão bandida, mulheres que amam demais**. São Paulo: 2015.

REZENDE, C B; COELHO, M C. 2012. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV Editora.

RISO, W. **Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável**. Traduzido por Marlova Aseff. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010. 166 p.

ROSSET, S. M. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Sol, 2014.

SCHAEF, A. W. **Recobra tu intimidad**. Madrid: EDA, 1993.

SILVA, A H; FOSSÁ, M I T. Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015.

SILVA, R E; MAGALHÃES, C A T. Famílias sentenciadas: Um estudo sobre o impacto da pena sobre as famílias dos presos. **Revista de Iniciação Científica Newton Paiva**, 90-101. 2012.

SIMMEL, G. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

TELES, M A A; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 2012.

VALENTIN, B. **O que leva uma mulher a se entregar a um amor bandido?** Blogger, 2013, disponível em: < <http://clubesassygirl.blogspot.com.br/2014/03/o-que-leva-uma-mulher-se-entregar-um.html>>. Acesso em 27 de maio 2017.

WITHFIELD, C. **Curar a criança interior**. Sintra: Europa-América, 2002.

YALOM, I D. **O carrasco do amor**. São Paulo: Ediouro, 2007.